

O que é consciência negra?; transcrições do testemunho de Steve Biko no julgamento da BPC (Black People's Convention)/ SASO (South African Student Organization), primeira semana de maio de 1976.

“A SASO é uma organização de estudantes negros que trabalha pela libertação do negro: em primeiro lugar da opressão psicológica efetuada por ele mesmo por intermédio de um complexo de inferioridade e, em segundo, da opressão física proveniente do fato de viver numa sociedade branca racista (Conselho Geral dos Estudantes (SASO, 1971, p. 10) [<http://www.disa.ukzn.ac.za/saaug71>]” (BIKO, 1990, p. 124-125).

Site com todas as revistas da SASO:

<http://www.disa.ukzn.ac.za/keywords/black-consciousness-movement>

“Acredito que, basicamente, a Consciência Negra se refere ao negro e à sua **situação**, e acho que o negro neste país é submetido a duas forças. Em primeiro lugar, ele é oprimido por um mundo exterior por meio de mecanismos institucionalizados, por meio de leis que o impedem de fazer certas coisas, por pesadas condições de trabalho, salários baixos, condições de vida muito difíceis, uma educação inferior. Todos esses são fatores externos a ele. Em segundo lugar, e o que consideramos mais importante, o negro desenvolveu dentro de si um certo estado de alienação. Ele rejeita a si mesmo exatamente porque ele liga o significado de branco com tudo o que é bom. Em outras palavras, ele associa o que é bom, ele considera o que é bom equivalente a branco. Isso provém de sua vida e provém de seu desenvolvimento desde a infância” (BIKO, 1990, p. 125).

“Agora isso é parte da raiz da autonegação que nossas crianças recebem, mesmo enquanto estão crescendo. As casas são diferentes, as ruas são diferentes, a iluminação é diferente, e assim a gente tem a tendência de começar a achar que há qualquer coisa incompleta na nossa condição humana, e que o complemento vem junto com a brancura. Isso continua até a sua vida adulta, quando o negro tem de viver e trabalhar” (BIKO, 1990, p. 125).

“Somos provenientes de um ambiente essencialmente camponês e operário, não temos nenhum tipo de contato diário com uma sociedade altamente tecnológica, somos estrangeiros nesse campo. Quando se tem, enquanto criança negra, de escrever um trabalho para o JMB (Exame de seleção para as universidades), por exemplo, os temas dados correspondem muito bem à experiência dos brancos, mas você, sendo um estudante negro, é obrigado a lidar com uma coisa que lhe é estranha – não somente estranha, mas superior, num certo sentido. Devido à capacidade que a cultura branca tem de resolver tantos problemas no campo da medicina, ou mesmo em vários campos, você tende a considerá-la uma cultura superior à sua, você tende a desprezar a cultura do operário. Isso incute no negro um sentimento de ódio por si mesmo, o que vejo como um dos principais fatores que determinam seu modo de se relacionar consigo mesmo e com a vida” (BIKO, 1990, p. 127).

“Quando a gente diz: ‘Negro é lindo’, o que na verdade a gente está dizendo para ele é: ‘Cara, você está bem do jeito que você é, comece a olhar para si mesmo como um ser humano’. Agora, na vida africana, especialmente, isso tem também certas conotações; as conotações sobre o modo como as mulheres se preparam para serem vistas pela sociedade, em outras palavras, o modo como sonham, o modo como se maquiam, etc. que tende a ser uma negação do seu verdadeiro estado. (...) De modo que, num certo sentido, a expressão ‘Negro é lindo’ desafia precisamente essa crença que faz com que alguém negue a si mesmo” (BIKO, 1990, p. 129).

“Essa foi uma pesquisa realizada em 1972, creio que o objetivo era a alfabetização. O método específico que usávamos enfatizava o ensino por sílabas. Nesse método não se ensina as letras isoladas do alfabeto, mas as sílabas, e começando sempre por palavras que tenham algum significado especial para o aluno, o que chamávamos de palavras geradoras. Assim, a introdução do trabalho consistia numa pesquisa na área específica onde a gente ia trabalhar, o que nos levaria a vários segmentos da comunidade, a lugares em que a comunidade se reúne e conversa à vontade” (BIKO, 1990, p. 138).

“Nosso papel então era especialmente passivo, a gente estava lá só para ouvir as coisas de que as pessoas estavam falando e também as palavras que estão sendo usadas, sendo os temas importantes. (...) Bem, nós escolhemos as circunstâncias disponíveis. Nesse caso específico, escutamos as mulheres nas filas, enquanto esperavam para ser atendidas por um médico ou uma enfermeira numa clínica; algumas delas tinham bebês nos braços ou nas costas. Escutamos as pessoas nos botequins; andei por diversos botecos comprando cerveja. E também ouvimos as pessoas nos ônibus e nos trens” (BIKO, 1990, p. 138).

“Quando se observa tais **situações**, a primeira coisa que se nota é a repetição constante do que eu chamaria de fala de **protesto** contra a **situação de opressão** à qual o negro é submetido. Algumas vezes o assunto é geral, outras vezes é específico, mas sempre continha o que eu chamaria de uma condenação global da sociedade branca” (BIKO, 1990, p. 138-139).

“Nós fazemos referência à **situação** do negro e às condições em que ele vive. Tentamos fazer com que o negro, ao se conscientizar, enfrente seus problemas de modo realista, tente encontrar soluções para os seus **problemas**, procure desenvolver o que poderíamos chamar de percepção, uma percepção física de sua situação, para ter condições de analisa-la e encontrar respostas para si mesmo. O objetivo atrás de tudo isso é realmente dar algum tipo de esperança. Acho que o tema central a respeito da sociedade negra é que ela tem elementos de uma sociedade derrotada, as pessoas muitas vezes têm a aparência de quem desistiu de lutar” (BIKO, 1990, p. 140).

“As pessoas não devem simplesmente se entregar aos sofrimentos da vida, precisam desenvolver uma esperança, têm de desenvolver algum tipo de segurança a fim de estarem juntas para encarar seus **problemas**, deste modo, e as pessoas precisam fortalecer a dignidade humana. É este o ponto chave da **conscientização** e da Consciência Negra” (BIKO, 1990, p. 140).

“Acredito que é possível adaptar-se a uma determinada **situação** difícil, exatamente porque a gente tem de viver nessa **situação** e tem de viver com ela todos os dias. Mas adaptar-se não significa esquecimento. A gente vai para a fábrica todos os dias, mas nunca aceita isso, nunca aceitou e continua assim durante toda a vida. Mas se adapta, no sentido de que é impossível continuar a viver num estado de conflito consigo mesmo” (BIKO, 1990, p. 140-141).

“Nós só podemos provocar uma resposta da sociedade branca quando, como negros, falamos com voz decidida e dizemos o que queremos. Na época dos liberais a voz do negro não era muito ouvida, a não ser para repetir o que os liberais diziam. Agora chegou a hora em que nós, como negros, precisamos definir o que queremos, apresenta-lo aos brancos (...) Começa agora quanto tomamos uma resolução numa conferência e dizemos que vamos comunicar o conteúdo dessa resolução às pessoas em questão, seja uma universidade, no caso da SASO, seja uma organização esportiva, uma organização de direção, no caso da BPC. Tudo é negociação” (BIKO, 1990, p. 161).

“Mais uma vez, como já disse antes, este é apenas um ponto de partida comum. Estamos falando a respeito daquilo que aquele homem sabe; estamos partindo daí para falar a respeito da maneira de prosseguir a partir daqui (...) Nós nos posicionamos com a convicção a favor do negro e compreendemos que são esses os **problemas**. E eles conhecem o **problema**. Não importa o que se diga a eles, conhecem o **problema**. Como eu digo, eles podem manifestar o problema deles de modo mais forte do que nós, mas agora prosseguimos a partir daí para criar algum tipo de esperança, algum tipo de oportunidade” (BIKO, 1990, p. 165-166).

“Acreditamos que é dever do movimento político de vanguarda, que traz a mudança, educar a perspectiva do povo. (...) Tudo isso precisa ser levado até eles e explicado às pessoas pelo movimento de vanguarda que está liderando a revolução” (BIKO, 1990, p. 181, entrevista de 1977).

BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Ática, 1990.

Boa reportagem sobre Biko e a SASO:

<https://artsandculture.google.com/exhibit/steve-biko-o-movimento-da-consci%C3%Aancia-negra-steve-biko-foundation/AQp2i2i5?hl=pt-BR>